

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes



www.rasiel.com

Intermission, 1928 - Magritte

RENÉ MAGRITE- INTERMISSION, 1928.

Ano 1 - N.2- FEV. 2009

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) - Ano 1 - N.2 – FEV. 2009

ISSN: 2238-930X

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com

João Matias de Oliveira Neto

jo_matias@msn.com

NOTA

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição online de Blecaute, desde que sejam respeitados os direitos autorais de seus colaboradores. Os textos ou fragmentos de textos reproduzidos devem ter suas referências citadas adequadamente. É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

ÍNDICE

EDITORIAL	Correio das Artes: uma Trajetória Literária	5
CONTO	Nada de Édipo Por Jonas Gonzaga	7
COLUNA	Vauvernagues Por Franklin Jorge	9
POEMAS	Sísifo, Bicho Homem, Fornalha, Miragem e Êxtase Virtual Por Sebastião Costa de Andrade	11
ENSAIO	Sobre o Homem e sua eterna procura Por Francisco Cabral Júnior	17
CONTO	O cântico voraz do precipício Por Bruno Gaudêncio	24
COLUNA	Minutos Por Isolda Herculano	26
HUMOR	E se Deus for ateu? Por Valdênio Freitas	28
POEMAS	No indicativo, Não sonho mais e outros poemas Por Alexandre Lima	30
ESTANTE	O Azul do Filho Morto (Marcelo Mirisola) Por João Matias de Oliveira	34
	O Pequeno Príncipe (Antoine de Saint-Exupéry) Por Katiana Araújo	35
POEMAS	Nascido para ser cego, Prego em Barra de Sabão, O espelho e outros poemas Por Gustavo Farias	35
CONTO	Desejo Insólito Por Janailson Macêdo	40
ENSAIO	Aprendendo a ver para aprender a desenhar Por Jorge Elô	44

CORREIO DAS ARTES: UMA TRAJETÓRIA LITERÁRIA

Os editores

Neste mês de março o suplemento literário *Correio das Artes* completa os seus sessenta anos de História. Considerado o mais antigo e um dos importantes suplementos em circulação no Brasil, ele é publicado mensalmente como encarte no jornal *A União*, órgão oficial vinculado ao Governo do Estado da Paraíba. Com uma periodicidade mensal, sem publicidade em suas páginas, o suplemento publica sempre em sua estrutura jornalística: entrevistas, reportagens, poemas, dicas de leitura, contos, crônicas, ensaios, dossiês, críticas e resenhas sobre literatura e cinema, e eventualmente sobre música, teatro e quadrinhos. Suas páginas compostas por uma inegável qualidade estética registram um universo panorâmico com uma qualidade impressionante; matérias interessantes, acompanhamento dos cânones literários, comemorações dos “afamados” de nossa literatura, não esquecendo dos registros de novos escritores e suas produções contínuas, sempre como muita sensibilidade e dinamismo.

Acompanhamos de perto nestes últimos anos a trajetória deste suplemento, que declama aos quatro cantos do Brasil, a todos nós apaixonados pela arte e pela literatura, o seu afamado e lírico sentimento de vanguarda e respeito à produção cultural local e nacional. Com suas páginas inundadas de êxito de estilo, descobrimos dados e reflexões sobre a vida literária local e Brasileira periodicamente.

Atualmente alguns dos mais destacados nomes da literatura paraibana e do país são constantes colaboradores da revista, e reafirmam o histórico de qualidade deste suplemento, são exemplos:: Antonio Naud Junior, Políbio Alves, José Inácio Vieira de Melo, Adalberto Barreto, Gildemar Pontes, Ronaldo Cagiano, Welligton Pereira, José Aloise Baía, André Ricardo Aguiar, Franklin Jorge, Ronaldo Monte, entre outros.

A Linguagem do Correio *das Artes* pode ser definida pelos padrões do que o comunicólogo Felipe Pena chama de Jornalismo Literário, com textos bem construídos, cheios de informações e opiniões fundamentadas. O jornalismo sobre artes, escrito e trabalhado de forma artística. Há um aprofundamento sistemático nos textos muitas vezes não encontrados em revistas do gênero. Um destaque que chama atenção do ponto de vista jornalístico são as matérias da repórter Calina Bispo, um exemplo de jornalismo literário de boa qualidade. Desejamos vida longa a esta magnífica revista.

NADA DE ÉDIPO

Por Jonas Gonzaga

O sol das cinco da manhã dilacerava-me os olhos enquanto meu corpo todo reclamava alguns incômodos: minha má postura – coisa que ela sempre reclamou, assim como minha mãe reclamava; minha cabeça cheia de remorso; e meus pulmões cansados dessa atmosfera carregada de atos falhos e palavras impensadas, um verdadeiro circo foi armado ontem nessa casa, com direito a feras indomáveis e lançamento de facas, eu sobrevivi. Logo cedo perambulei pela casa observando atento cada cômodo, cada cortina, cada lençol, a mesa, o jogo de talheres, um jogo de palavras, articuladas essas, na minha testa mais um discurso insuportável nasceu, desagradável a quem quer que escute – a verdade é que minha boca sempre foi uma fossa, partindo disso e deixando de lado formalidades, minhas palavras não seriam outra coisa além de fezes. Jogo fora mais um discurso.

Não me causa espanto o fluxo desenfreado que as coisas tomaram, com um tom moribundo, mas acima de tudo conformado eu repito: eu troquei os pés pelas mãos. Como disse ela antes de sair porta a fora vomitando todos os seus hormônios; minha musa - as vezes cobra, as vezes puta - entoava todas as minhas mazelas com o mesmo tom que minha mãe possuía – Édipo, coitado, em algum momento de sua vida deve ter se visto obrigado a repetir “eu troquei os pés pelas mãos”, provavelmente antes de furar seus olhos. Eu, em seu lugar também arrancaria meus ouvidos. Cego e também surdo não me importaria com o furacão que percorria a casa acompanhado de terríveis trovoadas – todas as louças foram reduzidas a cacos. Nem me importaria com todas as palavras-facas atiradas contra mim. Calado ficaria até a tempestade passar.

Mas eu não furei meus olhos, muito menos arranquei meus ouvidos, pelo contrario, abri minha boca e coloquei muita coisa pra fora, enchendo a sala e o rosto dela de fezes, uma coisa desagradável, repito. O circo pegou fogo, mas o furacão foi embora, pra casa de algum parente talvez, eu que fiquei, vivo – sem grandes traumas.

Às vezes até mereço meus sofrimentos. Mas deixando de lado todo o sadismo que polui as relações e diálogos em geral, é inevitável ver o cômico defecando na face do trágico: Uma esposa angustiada flagra seu marido contratando uma prostituta. Este, enquanto é engolido pela voluptuosidade em pessoa, nota que esta sendo observado e sai do carro aflito, tropeçando nas próprias calças e caindo com a face no chão. A “libertina” por sua vez, solta gargalhadas estridentes enquanto limpa a própria boca.

JONAS GONZAGA (Paraíba/Rio de Janeiro) - Estudante de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba. Responsável pelo blog: www.perguntaamaria.blogspot.com

VAUVERNAGUES

Por Franklin Jorge

Nunca me ocorreu interrogar minha avó sobre sua admiração por Vauvernagues [1715-1747], cujas máximas – citadas quase sempre para aclarar uma circunstância ou servir de esteio a uma lição – lastrearam, de alguma forma, a minha educação.

Minha avó o lia num pequeno volume encadernado em couro de porco, o nome do autor gravado em letras de ouro com duplos marcadores de cetim púrpura. O uso constante e obstinado que dele fazia aquela ledora desde o seu tempo de solteira, no Ceará-Mirim, até a sua segunda viuvez no Estevão, quando o livro desapareceu e nunca mais o vi em parte alguma, a não ser em minha memória, com as suas páginas já amarelecidas, impregnadas de vivências, recendendo ao delicado e característico odor do seu suor.

Suponho que foi um presente do seu professor de inglês e latim, o poeta Abner de Brito, que pousou por algum tempo no Ceará-Mirim, antes de sua mudança definitiva para o Paraná, de onde nunca mais regressou ao Rio Grande do Norte que lhe fora tão hostil e adverso. Curiosamente, era Vauvernagues o autor que a grande atriz Glauce Rocha lia, quando na companhia de minha avó a visitamos em seu apartamento no Grande Hotel. Foi esse volume que ela me presenteou com uma bela dedicatória, como uma lembrança desse encontro, há mais de quarenta anos, quando – respondendo à sua indagação sobre o que eu queria ser – disse-lhe, num ímpeto de arrogância juvenil, que desejava ser “escritor ou nada”...

Recentemente, ao comparecer a uma conferência sobre Clarice Lispector, deparei com uma nova edição de Vauvernagues, em cujo castelo Picasso, glorificado por seu talento, viveu seus últimos anos em meio a uma profusão de obras de arte. Senti, ao folheá-lo, a presença invisível de minha avó, que me trazia de volta alguns momentos inesquecíveis de minha infância rural no Estevão, quando ela, em seus momentos de solidão e recolhimento, perlustrava suas máximas e reflexões que recreavam o seu espírito e ao mesmo tempo propiciava-lhe o recheio de minha educação sentimental sem que eu o suspeitasse.

Já rapazinho, quando Glauce me presenteou com o seu exemplar de Vauvernagues, pude ler pela primeira vez o filósofo e com muita surpresa percebi que algumas das lições prologadas por minha avó haviam saído das reflexões do autor daquelas “Reflexões e Máximas”, em boa hora reeditadas pela UNESP em tradução de Dorothée de Bruchard e Fúlvia Maria Luiza Moreto. Confesso que passei aquela hora dividido entre o que dizia o ilustre professor da UERN sobre Clarice e a sorrateira leitura de Vauvernagues, o que eu tentava fazer sem privar-me da performance do conferencista que, dominado pela paixão lispectoriana, empolgava os presentes com as suas considerações de leitor e especialista à serviço das ciências sociais.

De repente, conscientizei-me de que muitos dos conselhos que ouvira de minha avó ela os tomara emprestado do querido marquês. Em minhas primeiras tentativas de aspirante a escritor, ela instruía-me que escrevesse prezando a clareza, reforçando suas palavras com uma sentença que sempre tive presente em minha memória toda vez em que me dispunha a escrever uma página. A clareza embeleza os pensamentos profundos.

Outras vezes, quando eu me afadigava a ponto de pensar em desistir, ela socorria-me, pedindo-me que fosse perseverante, e reiterava que as fortunas rápidas de todo tipo são as menos sólidas, pois raramente são obra do mérito. Os frutos maduros, porém laboriosos da prudência — pude eu próprio descobrir depois —, são sempre tardios. E que, quem sabe suportar tudo, pode ousar tudo.

E, ao insistir para que eu procurasse aprimorar os meus esforços, advertia-me de que a satisfação não é a marca do mérito, pois nem o espírito nem a vaidade podem fazer o gênio. Ou, ainda, que a indolência é o sono dos espíritos e a limpidez, o verniz dos mestres, assim como a clareza é a boa-fé dos filósofos. Afinal, a perfeição de um relógio não está na rapidez, mas na precisão...

Todas essas lições que impregnaram a minha infância, minha avó as absorvera de Luc de Clapier, marquês de Vauvernagues, grande escritor francês da primeira metade do século XVIII, nascido em Aix-em-Provence, de família nobre, porém sem fortuna e destinado a uma vida difícil, como a de todos aqueles que buscaram a glória pela virtude e souberam por intuição ou ciência própria que ganhamos pouco com a esperteza e que não temos o direito de tornar infelizes aqueles que não podemos tornar bons.

FRANKLIN JORGE (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do Premio *Luis Camara Cascudo* Em 1998.

POEMAS DE SEBASTIÃO COSTA DE ANDRADE

Sísifo

I

"Esse é um tempo de homens
partidos";
as luzes se apagaram:
eclipses em minh'alma .
há tempos não faço poema
com plumas,espumas e sanduíche
de arco-íris e ternuras;

um arquepélago de sangue
sangrou nas calçadas
ninguém parou!
Meus olhos lacrimejam!

II

Os dias rasgando
e comendo meus ossos;
estou sozinho no mundo?
Sísifo folheando calendários,
não sabe do sol
nem de suas praias!
Pasárgada ,um túmulo entre escombros,
delicados ventos
me consomem e assombam.
Recolho-me tétrico sob luz de vela.

III

Há tempos não engravido um poema:
de sândalos/figos/amêndoas e ben-ti-vis
esvoaçantes;
meu verso é magro,cansado,raquítico,
medroso,melancólico;
a tarde morde e cospe vísceras enlouquecidas;

não há flores pra te dar,
apenas agulhas e um punhado de tempestades.

Bicho Homem

O homem bicho formiga
armassa , saculeja
corta , traça ,a solidão
é sua taça;

lima ferro,amassa aço
escreve torto
em linhas férreas;

avança e dança
sem lua morna
e fica absorto
em rua crua;

Arregimenta,escala
e deita
toma amargo de incertezas
edifica,ponto e vírgula;

faz a viga ,molha , cola, elabora
depois rasga os olhos
quase chora;

desata,desembaraça
come trapo ,bebe traça
e à noite
já sem graça;

toma esarpas,rompe
nervos
rói os laços e amanhece
em descompasso,

morde o passo
e cerra a porta
da vida sem candelabros.

Fornalha

Entre olhos fustigantes,trafegas,
pareces uma garça de veludo
e silêncio;
tens olhos de vagalumes
riso de lavas hercúleas
e um jeito levemente aceso
de domar o mundo com frescor ,
ternura
e abraços de hortelã;

Entre metáforas e verbos ardentes

fico imaginando teu corpo
numa taça de vinho e arrebol,
desejando tomá-la
num gole ecumênico!

Quando passas saborosa
e saliente
exalas um cheiro de lençóis
fadigados:
com essas coxas de espelhos , esses pêlos
enferrujados e vampirescos /fazendo cócegas líricas
nos lábios ofegantes do meu ilhado
poema.

Miragem

I

Mulher enroscada na areia
arranca das ondas jatos acesos,
das dunas suores gelatinosos;

quando se mexe/o mar dá cambalhotas,
se abre as pernas/o sol atira flechas,
se roça as coxas/versos salivam entre folhas!

Faróis te olham enrijecidos,
enquanto navios se afogam
nos abraços de iemanjás sedentas.

De perto(diria) é mulher!
De longe:bandeja de estrelas oceânicas

tecida
de silhuetas e fogo.

II

Tão solitária e efervescente,
ensopado de marisco clamando degustação!
Sente a metáfora abocanhada
e imagina sua gramática
lambida por incendiários fonemas.

Conjuga os seios no pretérito,
no infinitivo, doura os pelos
cerra os olhos no subjuntivo
e espera o pouso
dum poeta embebido de labaredas
e pleonasma intumescido.

Êxtase Virtual

No teclado dos teus seios
orgasmo por e-mail, digital,
vislumbro layout do teu site
tuas coxas reluzem um abismo:
suco de gemidos, sumo de laranjas.

Entre clics, arquivos, mega bites
dança e rumina tua alma explorar,
salivando links, espumando telas,
debulhando lírios.

Lábios de vírus, fike, spam, batom

boca molhada,cintilante,
beijos itálicos,ne(gritos) errantes,
arrob@ de carícias
e abraços hotmail,ponto com.

Me aconchego na plumagem
do teu gozo
na tez desta nudez incandescente,

embebido nas postagens de afetos
me delete nesta cama virtual
no caps lock deste êxtase cibernético.

SEBAH ANDRADE (Paraíba) - Antropólogo, professor universitário e poeta. Autor dos livros: *O Homem e a Mulher no Cancioneiro Popular: Um Olhar Antropológico e Cânticos Eróticos e Entrelaçados*.

SOBRE O HOMEM E SUA ETERNA PROCURA

Por Francisco Cabral Júnior

“Queria, se ser pudesse, o impossível;
Queria poder mudar-me, e estar quedo;
Usar de liberdade, e ser cativo;

Queria que visto fosse, e invisível;
Queria desenredar-me, e mais me enredo;
Tais são os extremos em que triste vivo!”
Luís de Camões

A Humanidade é surpreendente. Não apenas graças ao telencéfalo desenvolvido ou ao polegar opositor, dos quais tão intensamente se orgulham os cientistas. Não simplesmente por ter a habilidade de indagar pelo próprio questionar (daí *Homo sapiens sapiens*, o homem sabe que sabe), mas pelo fato de ter levado esse questionamento tão a sério.

Até agora não há notícias de outra espécie viva que tenha mecanismos tão complexos de edificação das noções de verdade, justiça, liberdade, bem, do certo e do errado. Se, por um lado somos uma caixa de surpresa como indivíduos, constituímos uma contradição vivendo em sociedade. No interior das “instituições civilizadoras”, os indivíduos que tomam a iniciativa de não se submeter aos papéis socialmente recomendados e ao censo comum (vontade generalizada) de seu momento histórico podem reagir das mais diversas formas. Há, por exemplo, os nilistas, os eremitas e os tarjados de loucos, além dos gênios. Os gênios, diferente dos loucos propriamente ditos, são extremamente admirados pela sociedade por terem o dom de transmitir às pessoas ideais que todos no fundo sentiam, mas simplesmente reconheceram em si como novos. Todos estes estereótipos que utilizo aqui apenas como artifício de exemplificação, percebam, são variações do mesmo tema. Há também os que não chegam a ser tão radicais, e como tal, sobrevivem à margem da sociedade, formando grupos sem expressão, fenômeno denominado popularmente de exclusão. Conforme generalizou o poeta português Fernando Pessoa:

“O gênio, o crime e a loucura provêm, por igual, de uma anormalidade, representam, de diferentes maneiras, uma inadaptabilidade ao meio.”

Todos os relacionamentos são, conforme o filósofo alemão Friedrich Nietzsche explica, uma relação de poder. Esses grupos podem, então, requerer o poder de suas escolhas. Surgem, então, atritos. Dessa forma surgem as revoluções e guerras nas quais se luta por certa ideologia ou atributo material e a formação de grupos de interesse sócio-culturais que inauguram não simplesmente um esboço do materialismo histórico marxista, mas também uma nova maneira de escolher os rumos da vida individual, que resolvi chamar aqui de subjetivismo circunstancial.

A maioria das pessoas conseguiram, entretanto, através da história, manter sua integridade mínima diante do parasitismo da sociedade. Esta, como os melhores parasitas biológicos que encontramos na natureza, não vê como vantagem a morte dos seus hospedeiros, uma vez que é deles que obtém o seu sustento. Estas pessoas estavam convivendo principalmente com as visíveis e aclamadas vantagens da mesma, como a propriedade privada, já que as circunstâncias as favoreciam. Ignoram que são, também, vítimas indiretas de sua própria cultura, ao transmitir passivamente ideologias cuja própria origem desconhecem, idéias essas que se espalham como o mais virulento esporo pelo ar, contaminando mentes susceptíveis ao poder sugestivo.

A despeito disso, indistintamente, os seres humanos têm algo em comum: inventam mecanismos complexos (eu diria até psicanalíticos) com os quais possa preencher as lacunas de suas limitações físicas e psicológicas, criar a realidade que tanto precisam, e assim realizar suas próprias ilusões. É nesse contexto que entra, por exemplo, a Arte. Deter-me-ei diante deste tema, pois creio que ele exerça o papel fundamental de faca de dois gumes nessa história: por um lado cria, nem que seja na mente do artista, um eufemismo necessário em pequenas doses. Observe essa faceta, por exemplo, nesses trechos poéticos de Samelly Xavier:

Entre a falta do teu beijo e o futuro invivido
Resta-me esse tiro mudo da poesia
Tiro a queimar roupas e almas
Mudo como essa madrugada ardente e inquietante:
não passa

Excertos do poema *Tiro Mudo*

Bicho assimétrico:
Realiza ilusões
Se ilude com realidades

Para cada asa esvoaçante
Um pé de chumbo enraizado

[...] Como consolo
Canta – preso a chumbos –
O canto dos vãos dos que vêm, mas sempre vão

Excertos do poema *Chumbo voa?*

O ser humano usa esse lado da arte para ser também um criador de sua própria realidade. O outro lado da arte, muito diferente deste último, é o gume perigoso, que cega, imobiliza, maqueia a tomada das escolhas por parte do indivíduo na sua vida real. Esse último efeito será discutido ao longo do ensaio com exemplificações.

É da natureza humana fazer arte. Fiquei surpreso quando li numa edição da Revista Veja que na pré-história, época na qual os grupos de hominídeos disputavam os recursos escassos da Era do Gelo, onde pensei que a força bruta seria mais vantajosa, no final o mais bem sucedido grupo correspondeu ao que encontrou tempo para decorar com pinturas rupestres as paredes das cavernas, o *Homo sapiens*. Da mesma forma, como Ernest Fischer explicou muito bem em seu artigo “A Necessidade da Arte”:

Sendo mortal e, por conseguinte, imperfeito, o homem sempre se verá como parte de uma realidade infinita que o circunda e sempre se achará em luta contra ela. Volta e meia se defrontará com a contradição constituída pelo fato de ser ele um “Eu” limitado e, ao mesmo tempo, fazer parte de um todo ilimitado.

Assim, é bastante improvável que haja uma arte desapegada do motivo intrínseco na personalidade de um artista, mesmo que este ou qualquer outro o desconheça.

Esta faceta da arte não está restrita somente à literatura, como nos casos específicos que citei. Está clara no processo de criação de uma música qualquer, seja de estilo forró ou clássica, e que leva, no fim das contas, a uma reunião de milhares de seres humanos num show, ou ao reconhecimento erudito quase unânime, como foi o caso das músicas de Ludwig Van Beethoven. Está presente no processo que

tem como resultado final uma bela pintura, conforme explicou muito bem o próprio Pablo Picasso:

Seria interessante se pudéssemos fixar fotograficamente, não as etapas, mas as metamorfoses de um quadro. Perceberíamos então qual foi o caminho percorrido pela mente até a concretização de seu sonho.

Além desse caso, está presente também na expectativa mundial para o lançamento de um filme cujo diretor talvez nunca iremos encontrar pessoalmente. Aliás, o artista não importa, mas sim, como aponta Ezra Pound em suas críticas, a obra de suas qualidades aplicadas.

Nessa maré o ser humano passa horas diante de uma tela de cinema para se divertir, desapegando-se prazerosamente, nem que seja por alguns poucos instantes, da objetividade e simplicidade que a vida requer para a superação de seus obstáculos cotidianos.

Ao alimentar a “vala do desejo”, termo proferido por Nietzsche, e esquecer o que realmente importa, o homem ofusca a conquista de sua própria independência e fica dependente da arte como uma droga de vício não apenas socialmente aceito, mas até incentivado pela cultura. Essa não é a arte criativa de novos horizontes, mas a arte-mimetismo, em que o homem faz o papel ridículo de copiar a si mesmo e expor o drama resultante para o outro. Note que os versos de Camões, a seguir, transgridem a barreira lírica e parecem clamar pela compaixão do leitor:

E se nos montes, rios ou em vales
Piedade mora ou dentro mora amor
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,

Ouçam a longa história de meus males,
E curem sua dor com minha dor,
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

Essa situação constante de criatura com síndrome e expectativa de criador, move o ser humano a identificar-se com sua obra e com a de outras pessoas a ponto dele sentir-se, pelo menos por instantes, algo maior que a realidade, uma revelação epifânica. A arte, portanto, tem o poder de dialogar com as dores e tornar o ser completo.

Mas, será que a arte, em si mesma, não é uma forma de substituição da vida? Até onde irá o seu papel complementar e “terapêutico”? O filósofo Nietzsche, ao

introduzir a idéia de Vontade de Potência, falou sobre esse ponto. Para o filósofo, por os artistas serem pessoas contemplativas, e suas obras serem potencialmente inúteis para mudar sua realidade, ocorre a desvalorização de si mesmo, e o artista torna-se incapaz de transformar suas limitações em força para mudar. Não há, assim, solo fértil para que o sofrimento mais nobre, aquele que leva à mudança, se desenvolva.

Forma-se então, um ciclo vicioso, em que o artista cria a arte sempre como uma forma de se completar, o que mostra-se infrutífero. Segundo Nietzsche, a resposta para essa mudança está apenas no *significado* que o artista atribui aos seus desejos e a sua capacidade de se livrar, dominar e vencer e esses *desejos*. Ignorante no que tange essa idéia, muitas vezes o artista acaba por aceitar o nilismo e o anarquismo. Muitos outros encontram a sua resposta encurtando a vida, conscientemente ou não, através, por exemplo, das drogas e do suicídio. Outros, exaltados, tomados por um sentimento contagioso de mudança extrema, acabam sendo assassinados por inimigos, e acabam se tornando mártires, eufemismo para denominar alguém que, metaforicamente, “morreu afogado a dez braçadas de chegar a terra firme”.

O próprio Nietzsche, sabendo disso, felizmente não chegou a se exaltar ao ponto de ser assassinado, e guardava as mágoas para si e seus escritos preciosos, causando, na pior das hipóteses, a implosão do equilíbrio do próprio corpo. Como artista, Nietzsche não poupava os próprios artistas em suas críticas ferrenhas. Atacou seus precursores e negou a religião, mas diante do problema da não aceitação de suas idéias pelos seus contemporâneos, satisfez-se em assumir a figura do incompreendido à frente de seu tempo. Ninguém pode negar que ele foi realmente adiantado para a mentalidade de sua época, mas poderia ele ter guiado os acontecimentos de modo que tivesse vivido a tempo de ver seus pensamentos florescerem? Teria ele fugido do fardo pesado de que antes de ser verdadeiro ele precisava “parecer verdadeiro”?

Há ainda quem duvide de que a arte está mesmo tão presente nas nossas vidas? Para compreender essa presença artística, o exemplo da música é ideal. Se não a buscamos, ela simplesmente chega aos nossos ouvidos. As músicas ainda são usadas para rituais de elevação espiritual e glorificação, como no ritual católico, no protestante, no islâmico e no budista. Na Medicina Integrativa, a música é usada como terapia. Também é um meio corriqueiro de comunicação intrapessoal (nos deixa mais feliz ou tristes, dependendo da ocasião e do tipo de música) e

interpessoal (à medida em que a utilizamos para mandar mensagens sobre o que pensamos e sentimos a indivíduos ou grupos).

Quando penso no papel transformador da arte, gosto do exemplo de Manuel Bandeira. Ele tinha parentes influentes e um futuro profissional auspicioso como crítico literário e de arte, tradutor, professor de literatura e principalmente poeta. Mas a Tuberculose que ele contraiu antes mesmo de terminar o curso de Arquitetura na Escola Politécnica de São Paulo o atingiu em cheio, e ele teve de tirar licença de seu trabalho. Viajou até para lugares de clima mais ameno e Medicina mais avançada, como a Suíça, a fim de tratar-se, e suportou o prolongamento de seu sofrimento por anos a fio graças também, a arte. No Sanatório de Clavadel, lugar onde o Manuel tuberculoso foi internado, foi praticamente excluído da sua rotina anterior e da sociedade. Em sua imaginação criativa de poeta, no entanto, ora estava bem saudável e cantava, por exemplo, a Pasárgada, ora despejava suas dores no papel com melancolia contagiante. A doença o fez crescer como indivíduo, o fez aprender a lidar com a idéia da morte que chegava, a superar o envelhecimento, e o motivava a escrever textos que mais tarde viriam a influenciar toda uma geração de poetas modernistas.

Enfim, a arte eufemiza, abranda os espíritos e os humores, mas também tem o seu poder transformador e destrutivo. Um exemplo claro dessa faceta negativa é o de Adolf Hitler, o famoso ditador alemão, que desde pequeno quis tornar-se um pintor. No entanto, conforme escreveu em seu livro “Mein Kumpff”(Minha luta), seu pai, Alois Hitler, tinha discussões irreconciliáveis com ele, nas quais não aceitava a escolha sua escolha, insistindo em torná-lo funcionário público.

Um Hitler órfão, com apenas dezenove anos, viaja até Viena, onde tenta, a partir de 1907, ingressar na Academia de Artes de Viena, sendo sucessivamente reprovado. Passou alguns anos sem um emprego fixo, e chegou a dormir em asilos para mendigos na região de Meidling, no outono de 1909. Desiludido, Hitler passou simplesmente a reproduzir cartões-postais de Viena nas suas pinturas, transformando seu fazer poético, antes espontâneo, em cifras monetárias. Chegou a ganhar bem, e com seu tempo livre, passou a exaltar o nacionalismo germânico e, ainda em Viena, tornou-se um ativo racista e anti-semita. Talvez a arte tivesse um papel confortante na vida de Hitler, mas certamente a ausência dela foi fator condicionante para despertar o monstro demasiadamente humano que decretou o

assassinato de milhares de judeus durante o seu regime nazista, simplesmente por considerá-los grupos indesejados.

Portanto, como vimos, uma grande parte dos atos do ser humano surge não a partir das inspirações de um ser completo, que nada ignora. É, antes de tudo, surgida de um ser incompleto, um preenchimento das lacunas da vida. Se saudável ou não, depende da dose, do tempo de exposição, do tipo constitucional do artista e de seus esforços em obter uma boa qualidade de vida, que interfere diretamente no tipo de arte que se vai criar.

E vale salientar, também, que as grandes obras de arte, como diria Gilberto Cotrin, muitas vezes transcendem o seu contexto de surgimento, uma vez que o artista tem que resolver artisticamente a objetividade das circunstâncias. Quando isso é bem feito, o valor de uma obra se mantém através de todas as épocas, carregando uma mensagem valiosa. Nesse sentido, as circunstâncias individuais são, talvez, os fatores mais importantes na formação do indivíduo e de sua produção, e faremos uma breve análise sobre esse fator em breve.

Bibliografia

De Camões a Pessoa: antologia escolar da poesia portuguesa/ Luís de Camões ... [et. al.] ; organização Douglas Tufano. – São Paulo: Moderna, 1993. – (Coleção Travessias) – pags. 9, 11 e 14.

Obras em Prosa, Organização, Introdução e Notas de Cleonice Berardinelli, Ed. Nova Aguilar S.A., 1985, R.J (4º edição – Esta Edição contém quase toda a obra em prosa de Fernando Pessoa. Falta apenas o Livro do Desassossego.)

XAVIER, Samelly. *ETC.* Campina Grande: [o autor] , 2007. 1.Poesia.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte.* Editora Zahar, 1973.

O Pensamento Vivo de Pablo Picasso. Editora Martin Claret, 1985. pag.13

YALOM, Irvin D. *Quando Nietzsche Chorou.* Editora Ediouro, 2000.

COTRIM, Gilberto Vieira. *Fundamentos da filosofia para uma geração consciente: elementos da história do pensamento ocidental / Gilberto Cotrim. – 1. ed. – São Paulo : Saraiva, 1986.*

FRANCISCO CABRAL JÚNIOR (Rio Grande do Norte/Paraíba) - Estudante de Medicina. Está organizando o livro *Equilíbrio*, uma miscelânea de Poemas e Ensaios.

O CÂNTICO VORAZ DO PRECIPÍCIO

Por Bruno Gaudêncio

“Como roncam os que têm a consciência tranqüila! – até parece uma casa de marimbondos.”

Campos de Carvalho.

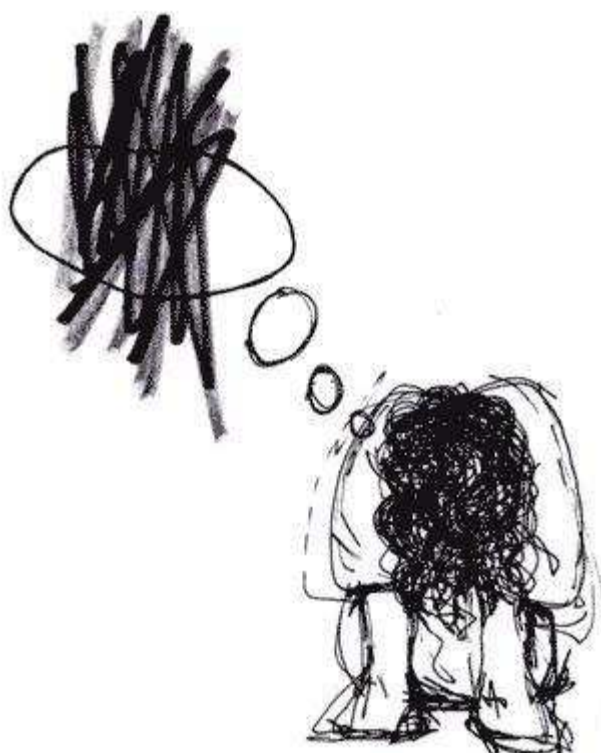
Sentei no caos, na pedra irregular dos meus sentidos, no pedaço oblíquo de nossos sonhos falhos. Logo percebi as nuvens do céu ainda claras, com uma leve nuança de gelo, a se locomoverem como animais na floresta. Um minuto depois, você chegou Anna, e o branco das nuvens do teu céu se transformaram em uma mata intransponível, não verde como as demais, mas azul, azul como os meus olhos. Como os seus olhos. Ainda possuías no instante da pedra o sorriso de lata, as feições pinceladas de um artista clássico renascentista, as expressões ambíguas e serenas da falsidade, pois sabias, no teu âmago, que algo envenenara os nossos desejos, portanto a nossa relação, que naquele momento o nosso namoro se reduziria a uma avenida de tristeza e mágoas e sem carnaval. Não te beijei naquele momento, muito menos sorri, apesar dos pássaros no horizonte, apesar das montanhas mágicas de Monet, brincando nos meus olhos. Anna você estranhou de imediato a minha seriedade, a austeridade irradia dos meus gestos. Sua testa enrugou-se como nunca havia enrugado... Foi então que disparei meu revólver de palavras, meu exército de revoltas - eu não tinha tempo a perder, as balas deveriam transpor sua consciência aparentemente ingênua, de forma imediata, ainda alienada por utopias que eu mesmo criara. Essas quimeras deveriam morrer. Foi então que iniciei o processo de quebra, me senti como uma pedra, como a que eu estava sentado, ou simplesmente uma marreta, uma retórica de pesadelos brandos, relatados, a destruir com um impávido sentido as inumeráveis trincheiras de guerra. relatei sem respirar logo o meu intuito, como se estivesse a retirar minuciosamente as espinhas de um peixe na garganta, e comer novamente a carne dos seus sentimentos desumanos. Desfilei em imagens meu intento, percebi imediatamente em cada palavra minha uma lágrima

nos teus olhos aflitos, e na lâmina acesa de tuas paixões, captei o vermelho, um vermelho intenso, do teu sangue Anna, no branco dos teus olhos azuis. Era o fim que eu pedia. Não o seu, mas o nosso. Você deveria ter compreendido Anna. Ajoelhar como fizestes não adiantaria nada. Não adiantou. Chorar é digno dos medíocres. E você chorou. Logo você uma leitora de Nietzsche. Por que viste aquelas montanhas, aquelas pedras pontudas como obstáculos, mas sim como belezas naturais. Foi seu erro, foi meu erro. Sei que estou sendo insensível, o que me parece ser na maioria das vezes às características naturais dos seres do sexo masculino como eu. Mas é o que eu sinto. Quando a chamei para aquele ambiente exótico, tão longe de nossas cidades Anna, em meio a império de pedras e árvores, procurei na verdade a serenidade do ar nas flores, nos frutos coloridos, no céu sem antenas... Apenas gostaria de um digno final de filme feliz para o nosso relacionamento. Pergunto-me por que você se matou daquela maneira Anna? E por que na minha frente? Eu não merecia. Ou merecia? Talvez sim. As lágrimas que teço hoje no papel neste momento infame são os perfumes inexistentes de um velho filósofo grego. Angustiado estou pela *persona* que eu criei. Uma tatuagem feita de sangue presente para sempre no meu rosto. O suicídio que cometestes Anna, não foi apenas a tua morte, foi a minha, principalmente a minha; as pedras que te chocaram não rasgaram apenas a tua carne, mas trucidaram o meu corpo também; os pedaços de teu cérebro que foram tangidos e jogados como alimento na floresta escura, banhando a barbárie do precipício, também jorraram minha massa cefálica no esquecimento da matéria. Ainda estou lá, - sinto isso, passeio pela escuridão dos teus olhos azuis, escondido na caverna sombria da morte, úmida como os labirintos de um hospital. Anna... Estou agora junto ao teu corpo despedaçado. Posso ver. A cabeça ainda ensangüentada. Os ossos moles. Talvez um pedaço do braço jogado no canto da caverna. Alguns bichos chupam teu rosto que um dia fora lindo Anna. Que horror meu Deus! Um baile de moscas sobre as tuas mazelas Anna. Sinto-me um corvo. Minha alma é uma extraordinária história de Poe.

BRUNO GAUDÊNCIO (Paraíba) - Jornalista, estudante de História. Editor do blogue *Mal Estar Imperfeito*:
www.brgaudencio.wordpress.com

MINUTOS

Por Isolda Herculano



Sempre ouvi muito falar sobre luzes no final de túneis, e eis que hoje aconteceu algo para me pôr no completo extremo dessa realidade: eu vi um túnel no final da minha luz. Como não acredito na valia de dividir a tristeza com alguém, dividirei a reflexão – o que me parece mais justo, embora possa não ser.

Eu carrego um escapulário – como uma espécie de lembrança familiar – pendurado no pescoço, mas quem convive comigo sabe: não sou religiosa. O que não quer dizer, em absoluto, que não tenha fé ou crença nas minhas coisas; às vezes poucas e mínimas, porém minhas. Gosto, por exemplo, de ler um livreto popular chamado [*Minutos de Sabedoria*](#), organizado pelo professor Carlos Torres Pastorino. Muitos de vocês devem conhecer. Pois bem, abrindo meu *Minuto* agora a pouco – faço isso quase diariamente – a seguinte mensagem surgiu: *Deus habita dentro de você! Deixe então que sua bondade se manifeste através dos seus olhos, tornando-os*

brandos de compreensão, quentes de compaixão, ternos pelo perdão constante a todos... Que nenhum olhar de impaciência ou condenação tolde a beleza de sua vida! Que sua fisionomia irradie contentamento de felicidade, de tal forma que todos os que se aproximarem de você sejam contaminados por seu otimismo! As palavras constam na página 94 do livro.

Diante de um momento triste – ou tenso – é difícil compreender, ou mesmo escutar, o que palavras tão plácidas podem querer dizer. Obedecer ao livrinho simpático não é minha intenção, mesmo porque fazer com que o olhar irradie contentamento e felicidade quando se está num momento de impaciência ou incompreensão deve ser até masoquismo; é para mim. O que não posso é ignorar o sopro importante de reflexão trazido na garupa desta leitura rápida e (im)precisa.

O túnel? Infelizmente (?) foi indesviável, tive de entrar. Ainda não avisto um fecho de luz sequer, só escuridão. Mas vou em frente até ela clarear.

ISOLDA HERCULANO (Alagoas/Bahia) - Jornalista e editora do blog: <http://isolda.blogger.com.br>

E SE DEUS FOR ATEU?

Por Valdênio Freitas



E se Deus for ateu? Aí é o fim de tudo. Caso o Próprio não acreditar nele mesmo e entrar em uma crise existencial perdendo sua auto-estima não podemos fazer nada. E ninguém poderia dizer que essa depressão é falta de deus na vida Dele. O Supremo precisaria de um psicanalista e de todo um tratamento com medicamentos tarja preta. Mas podemos relaxar. Findaram-se os problemas. Deus é brasileiro, lembram? Logo ele mora em um país abençoado por ele mesmo, tem um fusca e um violão, torce pro Flamengo... Mas temos outro problema aqui. Nem tudo são flores. O problema não é a “nêga teresa”. Se o problema fosse mulher, qualquer costelinha masculina resolveria. Tem uma pedra no meio do caminho. Sendo brasileiro, Deus deixa de ser onipresente. Isso mesmo. Como ele pode estar em vários lugares ao mesmo tempo se brasileiro deixa pra fazer tudo na última hora?

Quanto a mim, digo que sou ateu. Porém, morro de medo de fantasma. No limite da centralização de uma possível fé não sei se escrevo Deus ou deus. Então, para ser honesto, nessa posição de bom extremista de centro, devo estar em uma posição mais ou menos neutra. Por isso, a partir de agora, escreverei D/deus. Porém, como será que o A/altíssimo escreveria seu próprio nome? Sei que E/ele não é analfabeto, já que escreve certo por linhas tortas, mesmo que às vezes esse singular estilo de escrita faça com que frases esbarrem causando certo caos. Pior deve ser o D/diabo: um cronista-padeiro bastante irônico, com raciocínio sagaz e que escreve em linhas retas para falar bastante nas entrelinhas.

Talvez eu esteja despertando a ira celestial com esses comentários. Ou talvez E/ele não esteja preocupado, já que passa manteiga no pão que o diabo amassou e não esteja nem ligando para os comentários desse simples mortal. Mas caso D/deus resolva formatar o mundo com outro dilúvio, a culpa não será minha. Da minha parte estou apenas cogitando. Se D/deus quiser ele não existe, mas tratando-se de minha pessoa tenho um ponto de vista diferente. Eu acredito na minha existência. Afinal de contas, sempre escrevo meu nome começando com letra maiúscula.

VALDÊNIO FREITAS (Paraíba) - Estudante de Ciências Sociais e responsável pelo blog: <http://www.oaeropago.blogspot.com>

POEMAS DE ALEXANDRE LIMA

1.

No indicativo

se fosse resumir minha vida
em poucos dias
um (enredo de) carnaval
seria
cuja única diferença estaria
na ausência de fantasia,

pois pra mim tudo real
é.

2.

armas são de formas variadas
martelo serrote revólver
entre tantas

planar num céu de pregos
cair numa cova de merda
sou dessa gente que espera
bilhete premiado do mundo
e aguarda com a cara na janela
ou num buraco escuro
tomando remédio tarja preta
[pra dormir quase em paz]

ou exibindo um riso besta
meu deus!

3.

Não sonho mais

hoje eu sonhei contigo.

meu ex-bem-querer, caías esfaqueado na lama do rio;
a seguir foste incendiado,
emanavam de ti vapores fedorentos
como peido de porco com problema no intestino grosso;

[do meu ex-bem-querer foram expurgados, pelo fogo,
o erro, o pecado, o lodo.]

por fim, eras jogado aos pedaços para seres devorado pelos cães
animais que após sacrificados
foram lançados pra lá do alto-mar.

tanta desdita.

4.

meus sonhos são lindos peixinhos coloridos
trancados no aquário
ou crianças na rua brincando

cujo futuro é o pesado,
erguer e derrubar paredes,
tropeçar no céu bêbado.
cair, com a voz impostada,
é só para raros,
dotados de bizarro gosto pelo declínio,
abram alas,
tire o sorriso do caminho:
acordar é terrível,
dor e fel.

5.

há flores no asfalto;
e a primavera
hoje em dia
quando vira
mote pra poesia
deve ser forjada
na siderurgia.

ALEXANDRE LIMA (Paraíba) – Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e editor do blog: www.anteforma.blogspot.com

ESTANTE



MIRISOLA, Marcelo. *O azul do filho morto*. São Paulo: Editora 34, 2008.

Por João Matias de Oliveira

"Inventei de redimir ovos (de três em três horas). E junto redimi as peruagens da minha mãe e as maluquices da minha avó. Eu lambia suvenires de Águas de Lindóia.

A culpa aumentava e, inopinadamente (?), eu enfiava minha cabeça em buracos muito mais exigentes e alheios a mim mesmo. Um tarado em si. Ou um santo, quando não sabia que poderia escolher coisa melhor. Inclusive, mais puro e incorrupto pelo espaço diminuto em que exercia a porra da santidade: no quartinho da empregada."

Um dos benditos (ou malditos) representantes da Geração 90 - Manuscritos de Computador -, livro organizado pelo escritor e professor de literatura Nelson de Oliveira, Marcelo Mirisola no romance "O Azul do Filho Morto" dá continuidade à sua proposta de descrever (com lirismo) o âmago puoerento da classe média ascendente nos anos 70 e 80 para a então consolidação da ética dos "azulejos lambidos" e dos "quartinhos de empregada nos fundos do quintal" em dias de hoje.

De linguagem corrida, marcada pela oralidade, e uma liberdade tida como única na literatura atual, Mirisola é aquele que chama o leitor para uma mesa de bar e conta uma história em tom expressamente confessional (diz tudo e não esconde nada) sobre as aventuras e frustrações de um menino perdido no tempo, entre Floripa e Santos (lugares onde o autor viveu), ora na mesa de jantar moralista, ora no limbo da zona burguesa.



SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio, AGIR, 1974.

Por Katiana Araújo

O livro foi escrito para revalorizar o amor, as relações de amizade e na tentativa de criticar o excesso de intelectualismo e interesses materiais da civilização capitalista-européia, o autor neste livro ensina a lição do amor. Seus personagens são recheados de muito simbolismo, como o rei que pensava que todos eram seus súditos e não tinha ninguém por perto, o contador que se dizia muito sério, mas não tinha tempo para sonhar, o geógrafo se dizia sábio, mas não sabia nada da geografia de seu próprio país, o bêbado que bebia para esquecer a vergonha que sentia por beber, a raposa simbolizando a sabedoria do amor, a rosa que por ser muito vaidosa mentiu ao respeito de sua origem e a serpente.

No decorrer do livro existe uma crítica aos adultos e como estes se preocupam com coisas inúteis e não sabem dar o devido valor a vida, ao iniciar a leitura tem a impressão de ser uma leitura simples, mas isso é apenas aparentemente.

O livro é uma história infantil para gente grande, é uma redescoberta da criança existente dentro de cada um de nós. O livro foi escrito em cima de várias metáforas, fazendo que seu leitor busque um reencontro com a criança que um dia fomos, nos faz voltar e tentar resolver todos os questionamentos da infância por nós já esquecidos. É uma narrativa poética.

POEMAS DE GUSTAVO FARIAS

Nascido para ser cego

A pessoa é para o que nasce
Já dizia uma velhinha
Senhora com muita sapiência
A líder de mais duas irmãs
Cegas
Todas
Nascidas para serem cegas
Não se sabendo o porquê
Não me perguntem o porquê
Cego sou
Cego também sou
Senhor sem muita paciência
Líder de seu ninguém

Nascido para ser cego
Frustrado por não ver
Guia-cego de cegas
Às cegas vaga
Às cegas guia

A pessoa é para o que nasce
Já dizia uma velhinha.

Prego em Barra de Sabão

Vida fácil
Não é necessária a prostituição

É como meter prego em barra de sabão
A maioria é assim
Depois se reclama muito
Só falam, falam, falam
Meu *modus operandi* é diverso
É extração de petróleo em águas profundas
O trabalho é compensador.

O Espelho*

A nova teoria da alma humana
O Espelho de Machado,
de Assis,
Cortante
Não temperado.
Minha nova alma externa
de bacharel
como se fora doutor.
Duas almas
E golpes machadianos de machado
no espelho.
Resta apenas uma.

Que se fofa

Sou ríspido
Direto e seco
Na ignorância das palavras
A minha brutalidade

* Inspirado na leitura do conto "O Espelho" de Machado de Assis.

A minha ignorância *lato sensu*.

Um amigo

Também poeta

Diz que temos que dar uma “fofadinha”

Antes do plantio.

Planto no torrão seco da terra dura,

Finco raízes em rochas

Na superfície contrastante à capilaridade.

Método: cada um com cada qual

Então, que se foda a “fofadinha”

Apesar da simplicidade de procedimento e de sua extrema utilidade.

Gradação Decrescente (ou Degradação)

Tinha o sonho do físico genial

Daquele Albert Einstein da vida

Daquele Niels Bohr

Construir um país, ter idéias para um país

Ganhar o Nobel, quem sabe

Isso significaria muito mais que um Nobel

Muito mais que física

Não estamos nos primórdios

Um algo surge de outro

Meu País não em construiu

O sonho muda

Filósofo

Pelo título parece até que este é inferior àquele

Pode ser

(apenas por culpa do utilitarismo medíocre)

Mesmo não existindo “evolução”

Filosofia não exige laboratórios
Pensei
Mas cadê os livros?
Não os didáticos
Que fingem ensinar
Os outros, as folhinhas
Cadê os debates filosóficos?
Só escuto Grécia, Grécia, Grécia...
Porra de Grécia!
Filosofia real, caro amigo
Só tem maconha, maconha, maconha...
Porra de maconha!
Porra de Grécia e de maconha!
Filosofia do Pão, Leite e Livro

Sejamos a escola do mundo
Venham todos aprender conosco
Mas que paguem em euro
Vão me chamar de sofista, quer apostar?

Agora é literatura
O Nobel ainda está de pé
(gostaria de expressar risinhos irônicos neste papel)
Nobel pra cá, Nobel pra lá
Faltam os livros também
Porém não reclamarei mais
Verterei em esforço no vazio
Literato < Filósofo < Físico
Adicionarei o poeta
Poeta < Literato < Filósofo < Físico
Estou velho já
Não dá para ser um grande físico
(novos risinhos irônicos)

Daqui a pouco a única coisa que lerei são minhas próprias poesias.

(sem título)

Deixo o queixo cair
Como o seio do seixo
Na lua lubrificada da laguna
Ondas nadarão em toda direção
É uma força
Todo o mundo é forçado
Recolho o queixo
Como se fora uma ordem.

GUSTAVO FARIAS ALVES (Paraíba) - Acadêmico de Direito da UEPB.

DESEJO INSÓLITO

Por Janailson Macêdo

Ana, minha esposa, está grávida de cinco meses do nosso primogênito e vem surpreendendo a mim e a si mesma com desejos cada vez mais exóticos. O último deles ocorreu na semana passada, iniciado a partir de uma singela descoberta, que em si não apresentava nada de especial.

Era fim de tarde e nós arrumávamos a despensa, quando minha esposa encontrou, no fundo de um armário, uma pequena sacolinha plástica branca com uma inidentificável coisinha miúda no interior. Após ela desatar o nó frouxo das alças e abrir o saco, deparamo-nos com um murcho e solitário pão francês, que deveria estar ali há semanas, pois sua superfície já se encontrava completamente revestida por minúsculos fungozinhos cinzentos.

Normalmente, numa situação como esta, eu veria minha esposa pegar o alimento mofado bem com a pontinha dos dedos e carregá-lo, com certo desprezo, até a lixeirinha de plástico da cozinha, afastando-o o máximo possível de si durante o trajeto. Em seguida, com o rosto tomado por sinais de repulsa e nojo, ela pisaria concentrada no mecanismo que faz a tampa da lixeira levantar e, sutil, largaria o saco, esperando que se cumprisse a lei da gravidade. Com certeza, ela só ficaria satisfeita ao ver a tampa da lixeira se fechar, sinal de que não dividiria de novo o espaço com o artefato nojento.

Desta vez, porém, sua reação foi bem diferente: Ana ficou estática, hipnotizada, contemplando o pão carcomido pelo mofo. Desenhou-se naquele momento em seu rosto uma expressão de cobiça e prazer repentino, que só costumava aparecer em momentos prazerosos, como na vez que a presenteei com um delicioso bolo de chocolate, em comemoração aos nossos seis meses de casamento.

Súbito, Ana voltou a si e percebeu que eu a observava com uma fosforescente interrogação na testa. Para não deixar transparecer ainda mais o que se processava em seu interior, ela reconfigurou rapidamente o semblante, cessando abruptamente

a exteriorização facial dos pensamentos. Logo depois, fechou de forma mecânica o saco e o levou com aparente desinteresse até a lixeira.

Eu não sabia, mas aquela indiferença era só externa. No íntimo, minha mulher lutava contra um forte impulso que a incitava a devorar, de imediato, o alimento mofado. Ana apetecia secretamente o que mais se assemelhava à lembrança ou ao cadáver de um pão. Via-o se derreter em sua boca, completando uma espécie de lacuna imaginária, e projetava mentalmente o clímax do contato com tal delícia, momento de raro orgasmo alimentício.

A atípica vontade parecia incontrolável. Nos primeiros minutos ela ainda era pendular e dava pequenas tréguas a minha esposa. Depois de algum tempo, entretanto, Ana tinha que se esforçar cada vez mais para conseguir redirecionar o foco de sua atenção.

Lembro-me que, à noite, durante o jantar, ela nem tocou no filé de peixe ao creme preparado por mim, mesmo se tratando de um dos seus pratos favoritos. Perguntei-lhe se havia algo errado. Ela me respondeu que não, que apenas perdera o apetite. Ana não me revelou no momento, mas sua mente teimosa e fidelíssima não estava abrindo vagas para possíveis concorrentes do pão mofado.

A todo o momento, sua resistência era testada. Além de atrapalhar o jantar, a recorrente imagem do pão a impediu de se concentrar na frente da tevê e não a deixou pregar os olhos durante o início da madrugada. Ana passou horas deitada sem conseguir dormir, pensando apenas no bendito pão mofado, enquanto que eu já estava num estágio profundo do sono.

Como ela sofreu com aquela intensa e demorada disputa! De um lado, sua consciência dizia não ao capricho insano. Do outro, o insólito desejo de grávida propunha em tom capcioso: “sacia-me e te liberto”. Lá por volta das três da manhã, contudo, ocorreu o nocaute. Depois de vários rounds, o desejo venceu a luta, apelando para o ponto fraco da adversária: o cansaço.

De repente, fui despertado por uma pequena vibração na cama. Por reflexo, ergui o rosto e flagrei minha mulher escapulindo do nosso quarto na pontinha dos pés. “Para onde ela está indo?”, pensei. “E o que está aprontando a esta hora?”

Sem conseguir conter a curiosidade, levantei-me e comecei a segui-la, discretamente. Ainda bem que o acender de uma lâmpada lhe entregou rápido o ponto de destino: a cozinha. Para onde logo me dirigi.

Da entrada da cozinha, sem transpor a linha da porta, fiquei observando, com cuidado, o que a minha esposa estava fazendo. Vi-a então segurando uma sacola branca, que desempenhava a função de guardanapo para algo semelhante a um sanduíche. Ao olhar mais atentamente, porém, constatei que não se tratava de um sanduíche, era algo menor, talvez um pãozinho pequeno. Foi nesse momento que, ao observar a expressão em seu rosto, a mesma de mais cedo, outra ideia me veio à cabeça: Ana não tinha um sanduíche em suas mãos, ela segurava o mesmo pão do fim da tarde anterior; sim, ela segurava o mesmo pão mofado, que se desmanchava entre seus dedos enquanto era levado, vagarosamente, até sua boca.

“O que você está fazendo?”, perguntei, penetrando na cozinha, como forma de ter a presença notada e evitar a catástrofe. Pude ver neste momento o encanto sendo quebrado, fazendo-a se dar conta do ato que estivera prestes a praticar. Envergonhada, ela largou o saco com o pão em cima da mesa e me lançou um cativante olhar felino, típico de quem foi pego fazendo alguma travessura. Olhar este que depois traduzi como sendo um misto de: “É! Fazer o quê? Essas coisas acontecem!” e “Que foi? Vai dizer que, às vezes, você também não tem impulsos e desejos esquisitos?”

Ana parecia ter despertado de um longo pesadelo e rapidamente tratou de devolver a coisa mofada para o seu lugar: o lixo. Ela aparentava ter finalmente solucionado o problema e voltado ao seu estado normal.

Quando deitamos, ela me contou detalhadamente a batalha que enfrentara nas últimas horas, e logo em seguida, deixou-se levar pelo sono. Eu, por outro lado, passei ainda alguns minutos refletindo e especulando sobre o que faz certas grávidas terem desejos tão fora do comum...

No entanto, a peleja da minha mulher com o desejo insólito parece que não acabou por aí. No outro dia logo cedo - durante a preparação do meu café da manhã - fui jogar uma embalagem de biscoitos na lixeira da cozinha e percebi que o pão mofado não estava mais lá dentro. Certamente não fui eu quem o retirou de lá, e nenhuma outra pessoa poderia ter mexido naquele local, a não ser a minha esposa, que ainda estava deitada àquela hora. Será que o desejo retornou e a fez levantar de novo no meio da madrugada? Será que ela não poderia ter vencido tão facilmente a batalha contra uma força tão potente? Já se passou uma semana e eu ainda não a questioneei acerca daquele desaparecimento. Hoje, porém, decidi! Vou saciar minha

curiosidade, vou lhe perguntar sobre o destino do pão mofado! Quem sabe, um dia, eu conte o que aconteceu afinal...

JANILSON MACÊDO LUIZ (Paraíba) - Escritor, professor e estudante de História.

APREDENDO A VER PARA APRENDER A DESENHAR

Por Jorge Elô



O fato de eu ser desenhista autodidata sempre intrigou algumas pessoas mais próximas. Para elas tudo não passava de um dom, algo que nasceu junto comigo dado por um ser superior. Evidentemente, eu sempre recusei essa afirmação, pois sabia o quanto havia me dedicado desde a infância para aperfeiçoar meu traço. Sei que os resultados que consigo atingir hoje com o lápis em mãos são frutos de um processo lento e gradual de toda uma vida. E sempre que alguém insistia em me dizer que era mesmo um dom, eu retrucava que poderia ser se, sem nunca haver desenhado algo, elaborasse um desenho com a força e a magnitude das gravuras de Goya, por exemplo.

Afinidade e talento são palavras mais exatas para conceituar a capacidade de alguém poder desenhar sem haver tido aula nenhuma. Não posso negar que a

influencia familiar também foi enorme no meu caso, pois sempre apreciei observar meu pai desenhando personagens e caricaturas, que fazia sempre que achava uma folha em branco. Ele não chegou a ser um profissional, mas sei que se tivesse se dedicado certamente seria um excelente artista.

O que pretendo com tudo isso é somente afirmar que qualquer pessoa pode aprender a desenhar, sem que para isso necessite possuir dom algum. Van Gogh, por exemplo, iniciou sua carreira de artista aos 27 anos, quando ainda cometia erros crassos de proporção e posicionamento de formas em seus desenhos. Aos 37 anos, quando veio a falecer, já havia evoluído de tal forma que realizou um conjunto de obras consideradas verdadeiras obras-primas da pintura universal. Mesmo tendo iniciado sua carreira como artista relativamente tarde, hoje é considerado um grande mestre da arte, tendo produzido mais de 800 quadros.

Já que qualquer um pode vir a ser um desenhista, poderíamos questionar: o que definitivamente é preciso para poder desenhar? A resposta é muito simples; é necessário aprender a "ver". A partir do momento que conseguimos ver nitidamente os objetos, suas formas, volumes, cores e traços, inevitavelmente conseguimos desenhá-los. Betty Edwards baseou-se na neurociência para explicar-nos como isso é possível em seu excelente livro "Desenhando com o lado direito do cérebro". Neste, a autora utiliza as descobertas iniciadas por Roger Sperry, onde foi revelado que o cérebro humano é dividido em dois hemisférios, um direito e outro esquerdo, que possuem funções distintas entre si, cada qual com determinadas propriedades.

Foi trazido à luz, além disso, que o raciocínio verbal e analítico está localizado primordialmente no hemisfério esquerdo, e o visual e perceptivo, encontra-se localizado no hemisfério direito do cérebro. Ocorre que o cotidiano exige das pessoas mais ações voltadas para as funções do hemisfério esquerdo, ou seja, o verbal e analítico, sobrepondo-se as propriedades do hemisfério direito (visual e perceptivo). Desta forma, no decorrer do nosso processo de crescimento, aprendemos a ver o mundo somente de forma verbal e analítica, enquanto as habilidades visuais e perceptivas são pouco experimentadas.

Um exemplo de como isso ocorre, pode ser visto num pequeno teste. Basta que você olhe agora ao redor e busque descrever o que consegue ver. Se estiver em seu quarto, irá apontar que há uma cama, um guarda-roupa, um computador, talvez pôster ou quadros, e se for como o meu, algumas roupas jogadas ao chão e etc. Por mais detalhista que você possa ser, descrevendo até as migalhas de biscoito sobre o

teclado do computador, ainda assim é possível que somente seu hemisfério esquerdo esteja no controle.

Fazendo o teste novamente, olhe tudo outra vez e agora sem dizer que no quarto há uma cama, mas sim se preocupando em enxergar como é esta cama. Qual é o seu tamanho, a cor de sua madeira, se há riscos na porta do guarda-roupa, a cor e forma do estampado da cortina. Ao tentar perceber os pormenores sem se preocupar em nomear os objetos, o hemisfério direito é acionado, e assim você de fato consegue ver os objetos, e não somente reconhecê-los e nomeá-los.



Segundo Edwards, quando somos crianças os dois hemisférios estão atuantes, sem que haja a sobreposição de um sobre o outro. Devido a isso, todas as crianças conseguem desenhar, muitas com excelente noção de formas e contornos, embora com pouca coordenação motora. Acontece que com o passar dos anos, o hemisfério analítico e verbal toma o controle, e assim chegamos à vida adulta elaborando os

mesmos desenhos de quando éramos crianças. Isso acontece porque o lado verbal "arquivou" as imagens geradas que criamos ainda pequenos, quando o hemisfério perceptivo estava em plena ação, e sempre que precisamos desenhar algo, como uma casa, por exemplo, recorreremos à imagem que temos em nossa memória visual para colocá-la no papel.

O domínio do hemisfério verbal sobre o perceptivo é tão forte que embora estejamos frente a frente com uma linda casa, ainda assim, reproduziremos o modelo de casa que criamos na infância quando ainda conseguíamos ver as coisas. O mesmo ocorre quando tentamos desenhar um rosto. Proponho que tente desenhar seu rosto olhando-se ao espelho. Certamente os olhos, a boca, o nariz, as orelhas e o cabelo que você irá reproduzir serão baseados no modelo mental que você criou na infância, muito diferente daquilo que você é na verdade. Se tentar desenhar outro rosto qualquer, irá perceber que o nariz, os olhos, a boca, as orelhas e o cabelo que você desenhou no desenho anterior se reproduzem neste, mesmo que o modelo seja totalmente diferente de ti, demonstrando como funciona o domínio do hemisfério verbal e analítico sobre o hemisfério visual e perceptivo.

A autora propõe diversos exercícios para se conseguir abandonar o olhar predominado pelo hemisfério verbal e passar a ver pelo lado visual do cérebro. Virar o desenho a ser copiado de cabeça para baixo é um deles. Ao olhar um rosto de cabeça para baixo, por exemplo, o hemisfério verbal não consegue conceituar o que vê, e sendo assim não busca referências no arquivo imagético do hemisfério perceptivo. Desta forma, quando você está desenhando a boca do modelo o cérebro não reconhece como boca, e sim tenta observar as formas dos contornos que esta toma, além da distância entre um traço e outro e assim por diante, ativando para tal tarefa o hemisfério perceptivo do cérebro. Quando treinamos isso com os exercícios propostos pela autora, conseguimos nos acostumar a fazer essa transição sempre que quisermos, tornando-nos desenhistas. O estilo e técnica serão aprimorados com o tempo, mas basta aprender a "ver" que já se aprendeu a desenhar. Betty Edwards realiza cursos intensivos em cinco dias, tempo suficiente para que qualquer um consiga tornar-se um bom desenhista.

É necessário, para terminar, delimitar que aprender a desenhar não faz automaticamente com que você se torne um artista. Para se tornar um artista é preciso muito mais do que aprender a ver simples formas, cores e volumes dos objetos; é necessário que se observe o imperceptível. O olhar do artista é um olhar

calejado, e suas obras são mais do que simples desenhos. Como diria Picasso, "a pintura não é feita para decorar apartamentos. É um instrumento de guerra para operações de defesa e ataque contra o inimigo". O desenhista consegue retratar o que vê. Já o artista está em guerra contra aquilo que não se apresenta somente aos olhos, mas também perturba a alma.

JORGE ELÔ (Paraíba/Rio de Janeiro) – Desenhista, Poeta, Historiador, colunista do Paraíba Online e editor do blogue: www.aventurasdavidacomum.blogspot.com

